

CONTO

Tabuleiro dos condenados

A ÚLTIMA RISADA DO TOLO

Maria Lúiza Brito da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

marialuizasilvabrito@gmail.com

I. O Plebeu

O que podemos falar sobre plebeus? São um aglomerado de pessoas vivendo em conjunto em pequenas vilas rurais ou em um enorme reino, cercados pelos muros que os protegem. Temos em mente que a coroa sempre nos protege. Sempre deveríamos agradecer pelos sermões do vigário, onde demonstra sua onipotência, assim como o Deus de cima, nos fazendo pensar e agir como se o Padre que fosse Ele, a voz grave ecoa pelas paredes que os ingratos plebeus construíram. Agradecer por termos um guerreiro dedicado em todos os seus serviços, sejam eles sujos ou limpos. Deveríamos agradecer também a nossas mulheres como um todo, nossos pecados, bruxas e perdição, sem elas não haveríamos quem matar, com quem trair e almejar do próximo, com quem povoar a terra. Mulheres são indispensáveis, mas temo que nessa história elas não apareçam tanto quanto eu gostaria. Bom, a coroa nos protegia, caçava e nos matava, como era de praxe, até certo dia em que havia brisa e havia sol, onde um camponês apareceu dentro de um dos poços, inchado de tanta água que recolheu para si, o corpo em uma mistura azulada e cinza, os dedos gordinhos e curvados para dentro da palma guardando uma pista de onde, quando ou quem o matou, seu rosto petrificado em uma face que demonstrava seus últimos momentos de estresse em nossa terra. Oh, e, sim, ele estava morto.

II. O Cavaleiro e o Vigário

Como eu deveria apresentar o guerreiro/caçador/herói ou melhor dizer logo, o pica de mel? Começamos então pelo fato de ser um homem abençoado, afeiçoado e sarado. Todas as mulheres o desejam, mas aquele cabeça grande só tem olhos para duas mulheres no reino todo: a que desperta seu desejo interno e a que recebe todo seu desejo interno. A segunda é uma grande amiga minha, diga-se de passagem. A primeira gosta tanto de minhas piadas que sempre quer ver quem sou por trás do meu sorriso aberto e roupas surradas semicoloridas. Voltando ao grande e imenso guardião de tesouros baixos e guardião tal qual do reino, não posso negar que nunca teria a coragem de enfrentar aquela coisa. Estou falando dos braços e das pernas, a cabeça também me dá medo. Eu ainda arriscaria dizer que a mãe dele é uma guerreira também, por isso sua morte tão prematura. Falando de morte, os plebeus estão o envolvendo como as moscas que envolvavam o morto no chão, molhando a terra abaixo dele com sua grandiosidade cheia de água podre e que continha seus restos misturados à água. Estavam curiosos, é claro, pois era mais comum vermos pessoas mortas pelas ruas por alguma doença e não um possível bêbado que caiu no poço. Ou um possível aventureiro, que gostaria de saber o que o poço escondia. Ou até presenciávamos uma cena de assassinato, o que era até excitante. Estávamos todos loucos para acender nossas tochas à procura do provável assassino! Mas aquela cabeça grande nos afastou e investigava o corpo com um cuidado magistral, que era de se bater palmas.

Deixei a cena, passeando pelas ruelas e becos do reino e observei por alguns minutos



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL3012-ZURN

Recebido

21 de novembro de 2025

Aprovado

19 de janeiro de 2026

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

nossa matriz, suas torres tão altas quanto montanhas e pontas tão afiadas quanto facas de açougueiro, as portas que poderiam nos esmagar se caíssem por cima de nós, os vitrais nos mostrando a magnitude de Deus quando reluziam à luz do sol, iluminando o tapete vermelho e surrado disposto das portas até o altar de madeira escura. O silêncio que aquele lugar continha também era uma forma de Deus mostrar que o que houvesse, fossem festas ou torneios, o mundo lá fora não conseguiria desequilibrar a calma e o silêncio daquela matriz. Sua altura era uma amostra de que éramos meras formiguinhas para Deus.

Isso me lembra... e o Padre? Esse é muito interessante de se deixar de fora, um anjo o guia na luz do dia, mas um demônio o guia na escuridão da noite. Eu juro, um dia desses aquele velho estava falando com o céu e o inferno ao mesmo tempo! Que incrível ter esse poder de controlar seus instintos e sua balança moral, que dependia do seu humor, onde conversa com um dos dois representantes de duas divindades! Acreditam que ele conversa mais com o anjo, mas sempre escuta o demônio?! Eu tenho provas sonoras e visuais! Entendo que pareço um ninguém, mas é que eu observo muito a vida das pessoas. É meu trabalho, tenho que arrancar risadas das pessoas e se eu perder a mão, é morte!

Voltando ao vigário... Não sei para você, mas um homem que é tão limpo pode se sujar entre as pernas de uma rameira? Eu não chamaria minha amiga tão íntima e adorável assim, mas essa seria a palavra que a define melhor do que apenas Bruxa. Tenho que me recordar dos sermões dele, nos quais também ouço falar mesmo estando ausente, sua voz grave ecoava por toda a matriz e não era preciso sussurros repassados entre bancos, todos compreendiam a mensagem explícita: não cometam pecados! Mas devo acrescentar que o vigário também deixava uma mensagem implícita, ao menos para quem o conhece por dentro e por fora: não cometam os mesmos pecados que eu!

Bom, ele é uma caixinha de segredos e pecados, o pobre vigário não pode se confessar consigo mesmo, então não é de se admirar se ele cometesse um pecado ainda maior. Ah, mas porque estamos perdendo tempo aqui divagando sobre esses dois, se temos ainda a apresentar esta ilustre personagem que estava viva até alguns dias atrás apenas por... ser gostosa, em vários sentidos. Eu a provei uma vez, mas ela não é uma puta como você pensa.

III. A Bruxa

Ela é a puta das putas. Você acredita que, para sobreviver, ela precisava ser um anjo na vida do Padre e ser a princesa do guerreiro? Eu sou louco para contar a todos eles com quem ela se deleita com companhia, também algo mais e mais. Tenho enorme respeito e lealdade por ela. Me ajudou com certos tipos de doenças. Lhe conto isso pois estou vivo pelos cuidados dela. Adoraria poder mudar seu título para algo que fizesse mais jus a ela do que Bruxa. Essa é uma palavra forte demais para alguém tão doce e esforçada. Temos que frisar a palavra esforçada. Sua rotina semanal consiste em plantar, cuidar, servir e ser nosso divertimento e ponto de extração. A princesa do Cavaleiro, o anjo/demônio do Padre, a amiga e cuidadora do Tolo e muito mais personalidades vindas de sua visível sobrevivência, o pilar de sua vida. Quero deixar um adendo de que conversar com sua alma é muito mais do que apenas ouvir seus gemidos lamuriosos e ver o quanto debilitada estava de uns tempos para cá. Cuidando de grande parte do reino praticamente, mas deixando de lado sua saúde e dignidade. Não é uma alma digna de atravessar as escadarias pro inferno e ser escorraçada dos céus. Pareço não acreditar no divino, não é querido? Mas acredito, o temo, reflito sobre ele. Sou um canalha, porém um canalha lúcido, com grande medo da morte, a minha querida conhecida que me envolve. Ela parece caminhar comigo a todos os lugares que vou, não sei se é a cidade ou a floresta que conspiram contra mim a fim de sempre ao sair de meu buraco escuro e ao caminho de voltar a ele, sempre em meu caminho ou ao menos em meus

outros sentidos, a sinto por perto, seja visível ou não.

Comentei sobre o plebeu do poço com a Bruxa, ao meu caminho, a meu buraco. Minha amiga me demonstrou espanto e pediu que eu mencionasse como exatamente ele estava, se sabiam de como morrera. Respondi o que vi, um homem que estava vivo e, agora, estava morto. Não havia mais nenhuma maneira de o descrever como era ou como morreu pelo líquido que o corpo sugou para dentro de si e expeliu destruindo uma fonte que nos dá vida. Só pude acrescentar que estava com os olhos vidrados no medo e desespero que senti em seus últimos suspiros e sua mão que estava fechada, guardando em sua palma uma pequena pista de onde estava antes de estar no poço.

Ela ficou mais espantada com minha descrição, parecia atordoada e vertiginosa. Segurei-a pelo braço gelado. Os olhos amedrontados como os de um cachorro faminto observavam minha alma. Se pude entender bem, por aquele olhar e reação, minha amiga tem algo a ver com a morte daquele plebeu, de certa forma. Suavizei o olhar e sorri, rindo dela e a puxando para um abraço. Disse-lhe em seus ouvidos que parasse de se preocupar tanto com quem morria ou deixava de morrer. Deixei a mesma arfar em meu peito, os braços trêmulos em minhas costas, o choro quente contrastando com sua pele fria. O que me restava era observar e acalantar aquela alma que se culpava até pela folha que caía da árvore. Lhe dei um beijo na testa e peguei seu rosto com as duas mãos, fazendo-a olhar em meus olhos e juntei nossas testas uma à outra. Ainda a observava, meus olhos brilhavam com um sorriso leve. Meu sangue corria por minhas veias e me preenchia com o prazer de mais uma peça entrando no jogo. Isso era tão emocionante, mesmo que trágico.

IV. O Tolo e o Rei

Mais conhecido por Bobo da Corte, eu sou um Tolo. Você quer me conhecer mais? Que lindo de sua parte, querido. Sou filho do pecado, indesejado desde quando minha mãe me descobriu crescendo abaixo de seu nariz. Meu pai, desconheço a origem, mas muitas colegas de trabalho de minha mãe me apontam como o bastardo do Rei, que, adivinhem... Faço ele gargalhar diariamente. Sua filha, minha meia-irmã, sempre está andando atrás de mim, me observando. Só a rainha me olha torto, sempre sendo como um tipo de sombra por trás de minhas piadas e risadas do Rei. Com certeza deve ouvir as virtuosas empregadas que me apontavam como bastardo do marido. Não a julgo, depois de perder tantos filhos homens, de morrerem tantos que não chegaram nem aos cinco anos, é compreensível ter raiva e até inveja da semente de uma rameira viva por tanto tempo e ainda crescendo, para dentro de suas torres e paredes!

O que devo dizer sobre o rei? É um homem que não é gordo, mas imenso em estatura, tem uma barba longa, o olhar de um julgador e de um assassino em olhos semelhantes aos meus, mas que, claro, são muito diferentes. Apenas devo ter pego a parte julgadora, a assassina nunca precisou ser revelada. O Rei já teve quatro tolos para o fazer achar graça da vida. Sou o quarto, ainda estou vivo. Os outros três são meus materiais de idolatria e guia.

O primeiro morreu depois de fazer piada sobre a comida do Rei. Uma empregada acidentalmente acrescentou sal demais em uma carne, e alguns corajosos me comentaram que sua majestade fez uma careta hilária na prova. O Rei não apreciou a visível zombaria sobre si, então o sentenciou a morrer engasgado com pães e mais alguns alimentos. No fim jogaram açúcar por cima dele, deixando as formigas tomarem de conta de seu corpo por alguns dias fétidos.

O segundo morreu depois de fazer uma piada sobre um dos cavalos e alguns cachorros dele, em que estavam mais interessados em procriar, assim como o Rei, do que servir a quem quer que fosse, assim como o Rei. Péssima era aquela ideia desde o início e não

houve piedade, claro. O Rei o sentenciou à morte pelos seus próprios cães e como se não bastasse, sua majestade ordenou a corrida de dois cavalos um contra o outro para desmembrar o morto e dar de comer aos porcos.

O terceiro, meu antecessor mais próximo, acabou falando demais sobre a rainha e ninguém até hoje tem coragem de citar sua piada de tanto que feriu o Rei. Aquela muralha ranzinza então tinha princípios, nos quais: sem comentários sobre a comida servida a ele, sem comentários sobre os animais que o serviam e eram leais a ele e bem, sem comentários sobre a que menos o serve de todos esses. Isso daria uma piada esplêndida! Pena que não quero morrer mais de três vezes, isso acabaria com meu corpo esbelto e trejeitos únicos!

Acho que o tolo aqui não tem tais princípios, o quê e quem está me servindo me deixa estasiado. Aliás, não posso culpar a rainha mais uma vez, de toda forma, sua majestade não aprecia muito companhias femininas, em seu séquito só se apresentam homens e em seu quarto separado do da rainha também. Como eu sei disso? Já servi o rei de diferentes formas, infelizmente conheço seu corpo tanto quanto ele conhece o meu. Oh, parece que falei demais novamente! Não é à toa que minha língua vai ser retirada do meu corpo. Ih, outra vez!

Oh, e quase me esqueço de contar a piada mais engraçada de todas. Acredito que você mereça saber, querido. Estamos todos mortos, só por causa de uma peça que nem no jogo estava inserida. Acredita nisso?

V. O Plebeu Assassinado

Parece que além dele infectar as águas daquele poço, o corpo do plebeu infectou junto o destino de personagens distintos. Lembro que o observei por poucos minutos, nem arrisco dizer que se passaram segundos de observação. Era como todos os plebeus eram, descartáveis. Podíamos queimar, morder, jogar eles longe. O jogaram naquele poço, o mataram, mas aquela pecinha escondida do jogo se mostrou ser uma torre bem alta, em ruínas, cobertas de musgo, poeira e nem janelas vítreas havia. O morto guardava os maiores dos segredos: as mãos dele continham florzinhas incomuns. Mas, se isso não fosse impressionante, lhe digo o que mais me deixou de queixo aberto, assim como em minha morte: só haviam aquelas florzinhas dentro do jardim real.

Quando o Cavaleiro descobriu isso, haviam se passado dois dias desde que o plebeu havia sido encontrado. Mas uma pessoa misteriosa acabou lhe aconselhando, no qual suspeito de minha amiga e suas reações ao que foi ocorrendo depois dessa revelação. Sejamos breves, o primeiro a morrer depois do Plebeu e começando o efeito dominó foi o próprio Cavaleiro, não vou mentir que não apreciei aquela morte, mas não a almejava tão cedo! Depois dele ser encontrado em meio a uns arbustos próximo à igreja e ao poço contaminado, mais um plebeu foi morto, de forma similar, mas os corpos agora não eram jogados ao relento, eram despedaçados em meio às ruas que faziam um estranho caminho de mortes em direção a matriz, todos os olhos sedentos por escândalo se viraram para o Vigário. Houve um sermão fraco do Vigário naqueles dias, o homem se tremia ao falar a palavra “pecado” naquela noite. No dia seguinte, seu corpo estava em pedacinhos esmagados no chão à frente dos portões inalcançáveis da igreja, onde seu sangue espirrado descia como lágrimas congeladas. Mais dois plebeus morreram nesse joguinho de xadrez e o caminho da morte se transportava para a floresta, caminho da casa da Bruxa. Ainda imaginei quem seria a próxima peça a ser derrubada e meu erro foi não ter pensado nisso seriamente.

A Bruxa começou a ser queimada no dia seguinte à morte do último plebeu, atearam fogo nas madeiras em círculo. Ela gritava, enquanto eu permanecia calado de braços cruzados. Minha amiga me observou por alguns segundos enquanto arfava e deixava

cair lágrimas. Coloquei meu capuz quando ela começou a gritar. Me virei quando começou a perecer em silêncio. A abandonei quando não restava mais nada da Bruxa. Ver a minha amiga queimar, levar a culpa de tudo aquilo que nada havia a ver com sua pessoa me deixou um tanto irritado, triste.

Passei alguns dias em retiro nos estábulos, em meio ao feno e aos equinos. Observava feixes de luz que escapavam do telhado malfeito, me recordava do rosto de minha amiga, seu sorriso que me deixava um peso no coração ao pensar que daqui uns meses me esqueceria dele. Aqueles lábios que tanto me beijaram e me soltou belos conselhos e piadas. Aqueles olhos que tanto me observaram e brilhavam sempre que começava a contar minhas piadas a ela antes de contar ao rei. Aquela mulher era minha melhor amiga e talvez fosse a única. Eu era um tolo em sofrimento, mas quando decidi ser um tolo em busca da verdade, não tinha mais medo de cortarem minha cabeça.

Acabei adentrando em uma investigação quando mais ninguém estava com vontade de investigar. Culpada e vítimas já estavam enterradas e queimadas afinal. Deixarei os pormenores de fora, não gosto de relembrar deles. As minhas pistas, quaisquer que fossem, se alinharam para onde eu morava, o castelo. Em suas veias entre paredes e abaixo do chão. Eu só não entendia por que, mesmo em minha eternidade, eu não entenda.

Permaneço descendo os andares, passeando por caminhos secretos que eu tinha noção de que existiam e conhecendo alguns novos, onde não tinha coragem quando um pouco mais jovem de adentrar. Acabo escorregando em uma poça fedorenta que não conseguia distinguir muito bem, pois logo minha atenção foi roubada por uns feixes de luz naquela escuridão. Havia pessoas ali embaixo?

Ao caçar com as mãos a entrada, acabei formando uma nova ao quebrar a parede agoniado com tanto mistério, com tanto tempo perdido... O assassino já estaria atrás de sua nova caça. Estou no meio de um corredor cheio de teias de aranha com um fedor que só poderia vir do próprio inferno, se é que aquele corredor não fosse o caminho direto para tal lugar. Ouço um som de tecido varrer o chão e um perfume muito familiar para meu engano!

Me virei apenas para ficar mais pálido do que já fui e seria. Ela me observava no meio do corredor escuro, com pedras úmidas de sujeira, o chão e teto me fazendo ter receio do pedreiro daquela obra malfeita e, em meio a toda aquela falta de ar, calafrios e um revirar do estômago, a princesa me lançava um sorriso leve.

VI. A Princesa

A princesa sempre gostou de empilhar coisas. Seus olhos verdes jade assim como os meus, naquela escuridão se escondiam. Por quanto tempo aquela mulher esteve ali?! Tentei abrir minha boca, provocar algum som e ela riu, colocando a mão enluvada por sangue na boca para não rir tão alto, mas sua risada e olhos me atravessavam mais profundamente do que uma flecha faria. A princesa sempre gostou de empilhar e aprendeu a costurar.

Senti uma súbita mão gélida e fétida agarrar-me pelo pescoço e urrar em meus ouvidos. A princesa começou a rir mais alto, histericamente, e apontava para mim. Os olhos tremiam. Comecei a gritar pelo susto e minhas mãos escorregavam em sua pele ou sua pele se escorregava por dentro? Daquele urro de completa dor, virei o rosto e observei os dentes primeiro, irregulares e postos como ondas em meio as paredes internas da boca, pois a boca era toda costurada na parte da gengiva, seus dentes abaixo da pele. Seu hálito fedia puramente a sangue velho.

Urrava para mim, o Tolo, como em um pedido de socorro, mas suas mãos estavam em meus dentes e abriu minha boca de tal forma que só consegui gritar por segundos. Logo depois disso, não senti mais nenhuma dor. Apenas ficou tudo escuro e os sons também acabaram. Meus sentidos sumiram e eu acabei sumindo também. Obrigada por ler o meu lado da história, acho que minha meia-irmã tem mais o que dizer do que uma alma condenada.

O Tolo caiu a alguns metros de mim, meu filho ainda estava se divertindo, arrancou sua língua enorme e depois a garganta com as unhas e os dedos. Observei morrer meu meio-irmão, ou seria apenas outro plebeu? Não importaria de toda forma saber de sua linhagem ou origem, aquela pele mesmo que esguia e oleosa, tinha partes que expostas ao sol ficavam roseados. Uma nova roupagem para minha criação, meu inefável filho.

Sempre gostei de costurar, uma habilidade bastante importante para o reino. Eu precisava costurar para arranjar maridos, sua majestade precisava de herdeiros ao trono enquanto eu precisava desesperadamente, pelo incentivo de suas ordens, costurar. Faz sentido?

Consegui o filho, o herdeiro. Era trajado por todos os homens que papai mais almejava pelo olhar. Nem precisei de maridos, foi apenas a roupa e costurar. Não vou negar que depois da terceira pele aquilo estava me fazendo cansar mais rápido. Filhos cansam, mas o orgulho que temos deles nos faz ressurgir do limbo em que sempre estamos como mães, perdidas e sem saber como proceder ou conversar. Meu filho tinha alguns poucos anos, quando a Bruxa acatou meu pedido de eu ter um filho fora da barriga. Com muito diálogo, ela aceitou e eu tive um dos mais lindos deslumbres ao vê-lo acordando pela primeira vez. E agora, parecia mais cansado em nossas últimas viagens, onde procurávamos os homens sob o reflexo do olhar de meu pai. Homens que ele teria orgulho de ser avô, pai ou até filho.

Meu filho tinha seus quase 2 metros. Tive a proeza de costurar pele de perna sobre pele de perna, pele sob pele, uma armadura sangrenta, mas necessária. Meu filho gemia a cada passo em suas diversas peles, cambaleante e às vezes eu notava que escorregava por dentro. É difícil entender quando nem eu mesma, que sou mãe, entendia. Andava com dificuldade, mas aquelas mãos do meu amado cavaleiro fizeram estrago no pescoço do Tolo. E assim, vi que aquele meu pequeno estava pronto, ainda reclamava no rosto do Tolo quando toquei seu ombro, falei com meu bebê:

— Você quer conhecer seus avós? Eles estão lá em cima...

Suas respostas foram gemidos e eu sorri levemente para ele. Acaricie o rosto de um dos plebeus que ele vestia, mas aquela roupa não era digna de se encontrar o Rei, então comecei a costurar a nova roupa em meu filho pouco tempo depois, enquanto o Tolo ainda tinha aparência de vivo.

Desde muito pequena e jovem, fui ensinada a bordar, costurar e a me portar como alguém que não sabia de nada. Sempre recebia sermão, por mínima que a situação fosse, fazendo tudo errado ou agindo de modo errado como meu pai via. Tudo que faço não diminui o que foi meu primeiro erro, ao sair de minha mãe, uma menina. Nunca vou receber o amor de sua majestade como desejo por ser de outro lado, por eu não ter o que os homens têm. Então, eu resolvi criar alguém que tem o que não tenho. Com as peles, melhor dizendo roupagens, de três plebeus, o Vigário, o meu Cavaleiro e o Tolo, meu filho era um rapaz. Mais do que justo mostrar a sua majestade seu herdeiro.

O salão estava silencioso, era fim de tarde quando o Rei desejava ficar a sós por alguns

segundos em sua reflexão. Chegávamos ao corredor com meu filho se acostumando a sua nova roupagem. Sua majestade apenas teve ação de levantar a cabeça da mão que estava encostada no trono. Os olhos atentos para o portal de onde ecoavam os gemidos, de onde apareci orgulhosa e sorridente.

— Aqui está um presente meu pai, como prova de meu singelo amor a ti.

Meu filho veio cambaleante ao portal. Sua majestade arregalou os olhos verdes que tínhamos, deveria estar achando meu filho lindo! Mas começou a ralar comigo dali. Comecei a deixar morrer meu sorriso e tive que rebater, ainda mantendo minha calma.

— Sua majestade não queria um herdeiro?! Aqui está ele!

E minha voz se apagou em meio a seus gritos, quanto mais altos, mais se aproximava de nós. Quanto maior ficavam seus gritos, mais se tornava vermelho seu rosto pálido. E o neto dele o pegou pelo rosto, começando a rugir. Observei meu filho com adoração, o vi urrar pelo ódio e pela revolta que estava de meu progenitor me tratar daquela forma. De o tratar daquela forma, chamando-o de monstro e abominação! Mas tudo aquilo acabou quando meu filho separou a cabeça do Rei de seu corpo.

Com cuidado, me abaixei e peguei a cabeça de sua majestade, que deslizava em minhas mãos pequenas. Coloquei nos braços, segurando para não escorregar de mim, não ir embora, e me sentei no trono verticalmente, repousando a cabeça do meu pai em cima do colo. Sorri para os olhos mortos de meu pai, aproximando minhas madeixas douradas do rosto pálido e mortificado. Meus dedos acariciavam sua face apavorada.

— Agora tenho seu amor e atenção, *pai*.

Maria Lufza Brito da Silva

Graduanda em Letras Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/7894788913266729>.